

06-10-2020

DIREITOS HUMANOS: NARRATIVAS À BEIRA DO ABISMO

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Presidenta da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Goiana. Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino. Profª. Univ. Est. Goiás. Pesquisadora do Grupo "Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UFG]

Tenho a impressão de que a pauta dos Direitos Humanos lidera a agenda das organizações progressistas na pandemia. Ao menos para mim, multiplicaram os convites para *lives*, aulas, cafés virtuais, monitoramentos, campanhas em defesa, promoção e reparação dos Direitos Humanos em Goiás. Reflexo de um aumento exponencial das violações.

Desde então busco, na literatura, os prós e contras da(s) narrativa(s) dos direitos humanos. Aprendi que para tudo há "pontos de vista" e perspectivas diferentes. Aprendi também, com alguns postulados decoloniais, a duvidar sempre da minha boa intenção. Antes, recorro às perspectivas marginais, fronteiriças, escanteadas.

Aprendi o óbvio: o canto alarga o nosso campo de visão. Neste texto gostaria de compartilhar com os leitores - prováveis defensores dos direitos humanos - um exercício de "livre cartografia" que empreendi para uma participação em um curso de advogados populares.

Identifiquei "armadilhas discursivas" que seduzem os "cidadãos de bem", conduzindo-os por caminhos perigosos, cujos princípios teóricos, éticos, políticos lhes fogem.

Adotei a seguinte metodologia: posicionei 6 (seis) abordagens ou narrativas dos direitos humanos à beira do abismo. Abismo social que se traduz, no imaginário coletivo, em marcador da fronteira entre humanos e supostos sub-humanos. Vejamos as características de cada uma, como se comportam e que legado nos propõe.

1 - ABORDAGEM LIBERAL

Sedutora. Tem no "empoderamento" sua palavra-chave. Casa muito bem com o empreendedorismo e a meritocracia. Reclama mais um lugar ao sol, não o sol para todos. Mais um lugar nos postos de dominação, não o fim da dominação de uns sobre os outros (Arruzza et. al., 2019).

Reduz o direito humano ao indivíduo.

Esvazia a dimensão histórica, coletiva e territorial.

Propõe soluções pontuais e mágicas. Segrega, aliena.

Nega o abismo.

2 - ABORDAGEM SECTÁRIA

Autoritária e confortante. Simplifica a realidade elegendo um único fator de violação dos direitos humanos.

Míope para a somatória de opressões que caracterizam um sistema fundado no tripé capitalismo, colonialismo / racismo e patriarcalismo (Santos, 2019).

Funda falsos inimigos. Boicota. Lança o outro no abismo.

3 - ABORDAGEM LEGALISTA

Funcional e, às vezes, ingênua.

Restringe a compreensão e atuação na defesa dos direitos humanos ao campo judiciário, supostamente "neutro e justo". Apesar de sua importância na luta, é incapaz de atacar as raízes do problema.

Deixa de observar as questões estruturais.

Apaga fogo com gasolina.

Chega geralmente depois, reparando.

Conserva. Sobrevoa o abismo a milhas de distância.

4 - ABORDAGEM METROPOLITANA

(ou abordagem equivocada de uma classe média bem intencionada). Descolada. Alheia ao movimento real dos sujeitos e territórios segregados e racializados.

Supõe um sistema de "regulação *versus* emancipação social" que só existe na "sociabilidade metropolitana" (Santos, 2019).

Neste mundinho, ela é de fundamental importância. Porém incapaz de cruzar a "linha abissal" até a "sociabilidade colonial", reino da violência.

Na quebrada, é obsoleta.

Universaliza o não universalizável.

Homogeneiza o desigual. Subestima o abismo.

5 - ABORDAGEM QUANTITATIVISTA

Fria e impotente. Imprescindível para início de conversa, mas frágil para a sensibilização (Chaveiro et al, 2019). Estacionada no número, não toca ao coração. Seu efeito tende a ser perverso: trivializa o sofrimento.

Produz indiferença à violação de direitos de humanos que vivem, desejam, sentem, amam, trepam, sonham, planejam.

Desumaniza o discurso. Nos distrai do abismo.

6 - ABORDAGEM MELANCÓLICA

Masquista e obsoleta. Despreza a festa, a dança, a música, a poesia, o amor, a amizade, o sorriso, o abraço, o grito, o beijo, o carinho, a alegria, a potência do corpo, a cultura, a resiliência, Rita Lee, Beatles e Chico César.

Não valoriza as conquistas.

Nos entristece, lançando-nos no abismo sem volta.

.....

E você, como tem se comportado à beira do abismo?

■ ■ ■

Referências...

- Arruzza, Cinzia; Bhattacharya, Tithi; Fraser, Nancy. Feminismo para os 99%: um manifesto. Boitempo Editorial, 2019.
- Chaveiro, Eguimar F.; Gonçalves, Ricardo Júnior de Assis Fernandes; Lima, Angelita Pereira de; Barros, Juliana Ramalho. O cultivo da palavra e a significação do espaço: uma proposta de leitura do poema Oração do Milho, de Cora Coralina. Revista GeoNordeste, n. 3, p. 25-39, 2019.
- Santos, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Autêntica, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.